

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistador: Diego Luiz Pereira da Silva

Entrevistada: Márcia Maria Recchia

Piracicaba, 24 de maio de 2025

Duração: 1 hora e 17 minutos

Realizada presencialmente em Piracicaba - SP

Entrevista com Márcia Maria Recchia

Diego: Primeiramente, gostaria que você se apresentasse, dissesse quem você é, de onde você veio, o que você faz...

Márcia: Tá. Vamos começar pelo meu nome de batizado, Márcia Maria Antonio, porque eu fui filha de Vicência de Jesus Antônio e de João Batista Antônio. Mas, espera aí. Esses são meus avós.

Márcia: Por uma herança de negação do meu pai, eu tenho esse nome porque minha mãe não pôde me registrar.

Márcia: Então, minha mãe ficou minha avó, mas minha mãe mesmo, que é minha mãe (biológica), filha de Vicência, é Maria Aurora de Antônio de Jesus e o meu pai Adelino Recchia. Hoje, eu não me chamo mais Márcia Maria Antônio, que foi mudado ano passado. Hoje, eu me chamo Márcia Maria Recchia, porque eu fui lá buscar o meu reconhecimento enquanto mulher preta e filha de italiano.

Márcia: Eu quis essa aprovação, reconhecimento, para começar essa minha história, porque nós somos mulheres que vem se empoderando para buscar os nossos direitos. Eu acho que tudo isso faz diferença, porque eu venho de uma tradição de oralidade forte, que é a minha avó, que tem toda a religiosidade do mundo de matriz africana, que hoje está presente em toda a nossa história. Então, contar isso, recomeçar isso, iniciar com isso, é reconstruir tudo isso.

Márcia: Não sei se deu para entender. É algo que afirma a minha identidade. Não é porque eu não quero o nome Antônio. Até mesmo não queria, porque o Antônio mesmo vem de um nome que nem é nosso, nem é da nossa tradição, nem essa árvore fizeram para nós. Tiraram até esse mesmo direito.

Márcia: Então, na verdade, não sabemos nem qual é o nosso nome. Enfim, eu acho que aí fica para a gente entender e compreender o que é ser uma mulher, agora, preta, de pele mais retinta, mais clara e que vem com esse processo de construir sua própria história. Então, sou conhecida como Marcinha Vila África, nem Márcia Maria Antônio, nem Márcia Maria Recchia, e sim reconhecida como Marcinha da Vila África.

Diego: Eu já queria trazer, inclusive, esse outro aspecto da coisa, que é essa coisa que se tornou. Deixou de ser Márcia Maria Recchia para agora ser Marcinha Vila África.

Márcia: Sim.

Diego: E de onde vem esse “Vila África”?

Márcia: Vila África é a nossa comunidade, que não era reconhecida como Vila África, mas era um quilombo, desconhecido por nós mesmos, por nossa própria história. Agora, buscando a nossa história, ficamos sabendo que a Vila África I e a Vila África II, [nosso historiador Noel de Monteiro coloca que é Vila África da Marcinha, a Vila África II, porque nós viemos lutar para trocar essa forma de ver a Vila África, não ela como negação, mas ela como uma fonte de afirmação e autoestima] ela vem lá da Santa Cruz, que é no centro. Então, já fomos expulsos lá!

Márcia: A Santa Cruz fica central, os ricos tomam conta, a branquitude se posiciona. Nós, enquanto desconhecidos dos nossos direitos, acabamos nos cedendo e descendo próximo do Ribeirão. O Ribeirão era lá. Então, vamos dizer, Vila África é um bairro conhecido como Independência...é muita história, gente, vou lá retomando!

Márcia: A Independência, é um bairro, e essa rua, que era a nossa rua Frei Luiz Santana, ela fica próximo do Rio, onde lá nós tínhamos o Rio, tínhamos poço em todas as casas, tínhamos a mina, tínhamos a vaca, tínhamos tudo, o quintal para brincar e o nosso grande e valioso campo de futebol, que era a nossa diversão. Então, Vila África é simplesmente um bairro localizado dentro da Independência, próximo a área central (da cidade), não tão periférico, mas localizado num lugar próximo ao Ribeirão, que ninguém queria morar. Então, foi cedido para nós lá. Mas nossos pais pagaram com seu trabalho árduo, né?! Com toda a sua mala, que iam buscar lá do centro, com essa mala de roupa, né?! Nem mala tinha, era um tecido, era um lençol amarrado com as roupas. Então, essas roupas vinham e passavam, vinham e subiam, sendo passada por ferros, com brasa. Então, toda essa história foi real na minha década de 1976.

Márcia: Não digo que eu sou tão velha, mas eu consegui pegar uma partinha, porque a Vila África II, renasce lá na década de 50. Ainda estamos buscando a nossa história. O Noedir que tem todo esse processo, mas não está tão fácil para resgatá-la toda essa história.

Diego: Márcia, desculpa te interromper. Só para esclarecer, você estava falando da Vila África II, né?

Márcia: É, o Vila África I era na Santa Cruz.

Diego: Ah, você poderia contar um pouquinho, então, como foi essa transição da Santa Cruz?

Márcia: Então, eu não tenho todo esse argumento, só tenho o que eu ouvi. Então, tudo o que eu falo não é o que eu presenciei de fato. Então, é uma oralidade bem presente. Ouvi do Noedir Monteiro, recentemente, quando eu mesma fui buscar a história da Vila África, que é desconhecida pela própria comunidade. Nós nem sabíamos que nós éramos quilombola.

Márcia: Não sabemos qual é a nossa história de fato. Aí que veio-se a história de resgate, que a Vila África I era na Santa Cruz, centro, e que a Vila África II desce [...] ela foi expulsa. Então, eles descem, que é lá próximo ao Ribeirão do Piracicamirim. E esse rio teve um deslocamento.

Diego: Sim. Então, eu fiquei sabendo disso, e quando estava lendo, eu vi que as pessoas pretas ficavam concentradas um pouco mais próximo do engenho central, nesse período de pós-abolição, e conforme houve a abolição, eles foram descendo para outras regiões.

Márcia: É, que nem se chama hoje “Vila Monteiro”, (antigamente) era “Saiboeiro”. Não era Vila Monteiro, era Saiboeiro. É assim que nós conhecíamos (o bairro), para ir até próximo ao cemitério da saudade, que era o nosso cemitério.

Márcia: Temos que o nosso cemitério de escravo foi ali, na Igreja São Benedito. Então, tem todo um histórico que você vai poder pegar com a Júlia Madeira, que hoje nós somos presentes na Rota Afro. Então, nós tivemos uma grande evolução, e ela tem todo esse ato.

Márcia: Eu estou falando mais da minha vivência, porque acho que é importante essa oralidade, enquanto o que ficou bastante presente, o que se perdeu também da minha memória. Então, quando seu primo fala: “Nossa, é verdade...”, a gente resgata. Então, nós resgatamos.

Márcia: Nós perdemos muito das nossas memórias, porque nós não dávamos importância a todo esse ato. Então, quando a gente conversa com alguém, isso vem e volta. Por isso nós estamos buscando a questão dos mais velhos, dessa memória, desse encontrar. A importância de ter uma roda de conversa para cada um ir surgindo. Eu fiz isso, e isso foi fantástico. Muitas coisas foram resgatadas.

Diego: Isso que é o bom de ter uma comunidade tão fixa, tão consolidada como a Vila África também, porque dentro desse conceito, que depois eu quero abordar mais para frente, de quilombo urbano, a gente continua compartilhando conhecimento e saberes ancestrais, tradicionais, dessa velha guarda da família.

Márcia: Sim. Então, nós estamos nesse processo da Universidade dos Saberes. [...] Então, ela é uma Universidade dos Saberes, da nossa própria tradição e da nossa própria história. Então, estar presente nessa tradição, que é o respeito, que é o respeitar, que é o compreender, que é saber que momento certo eu posso fazer cada ato, como é representada essa categoria de cada manifestação... Cada manifestação, mas são várias manifestações!

Márcia: Então, nós temos ali: o batuque de umbigada, que era o Tio Tônio, o samba, que é o Maicon, que é o mestre de cerimônia, o mestre Pi, que é o mestre da bateria, de harmonia, a Tia Marlene, que era comissão de frente do carnaval, o Nadão, que hoje é evangélico, era a liderança e o responsável, o mestre do passo marcado. E, quando se tinha o carnaval ali, que é nosso também, todo mundo se reunia na rua.

Márcia: Então, era um ajudando o outro. Tinha esse ato não individual, mas de coletividade. Eu digo que quilombo é isso, é ser esse ato de coletividade, voluntário, entender e compreender que lugar eu posso estar, como eu posso estar, de que forma eu atendo o outro... Que também vem das benzedeiras, que é a nossa fé, o que nós temos enquanto segurança, as nossas dores. É nas manifestações que a gente consegue esquecer.

Márcia: Então, ela é transformadora, ela é libertação. Então, quilombo é isso. É um eixo onde a gente consegue afirmar nossa segurança e ganhar proteção, no sentido de se espelhar no mais velho, buscando não errar. Porque os nossos mais velhos vêm para esse ato que já passou e nos ensinar para a gente poder superar e subir mais degraus, para poder avançar o sucesso, que é a busca da igualdade.

Diego: Inclusive, ontem, quando eu cheguei em Limeira, quando eu voltei de São Paulo para cá, eu engatei num papo com o meu pai, porque eu contei para ele que ia vir aqui hoje, que a gente ia fazer essa entrevista e tudo mais. E eu estava tentando localizar onde eu fico dentro disso tudo, onde ele fica dentro disso tudo, nessa estrutura familiar, porque são muitos primos, muitos tios. É parente para todo lado! (risos)

Márcia: A gente fala que tudo que é preto é parente! (risos)

Diego: E aí, nesse papo, ele começou a me contar um pouco mais. Eu perguntei se ele tinha memória desse período de infância, porque eu acho que é até bom dizer isso aqui também... Porque nós somos primos, mas fazendo ontem a árvore genealógica, eu descobri que a gente é primo de terceiro grau, na verdade. Porque o meu pai é primo da sua mãe, Aurora, e aí ele se torna o seu primo de segundo grau, e eu e o Thiago (meu irmão) nos tornamos automaticamente seus primos de terceiro grau.

Diego: Então, eu estava perguntando para ele, se ele tinha uma memória de como foi essa infância aqui em Piracicaba, como tinha sido essa migração da Vila Monteiro. Porque ele chegou a comentar que antes, a Vila África ficava meio ali no espaço onde é a Vila Monteiro, que tinha uma comunidade preta muito presente ali.

Márcia: É que nós saímos de lá e fomos para lá.

Márcia: Porque foi minha tia Lazinha, nossa tia Lazinha, que é mais velha ainda, que levou nossos avós para lá.

Diego: Exato, foi isso. Meu pai contou que a tia Lazinha era casada com o Sebastião. Inclusive, meu pai falou que o nome dele é em homenagem a esse tio deles, que no seu caso é tio avô, né?

Márcia: É, porque ele é tio da avó, né? Acho que ela é irmã da avó...

Márcia: Porque a sua mãe é irmã da minha avó. Então, ela é tia das nossas...

Diego: (corrigindo) Não, calma. A minha avó...

Márcia: ...A sua avó, não a sua mãe, né? É irmã da minha avó.

Diego: Exatamente, então a minha avó Edvirges (mãe do meu pai) é irmã...

Márcia: ...Da minha avó Vicência. E as duas têm a minha tia Lazinha, que levaram eles para lá, que é tia delas.

Diego: Sim, é irmã da mãe das duas.

Diego: Inclusive, eu estava perguntando para o meu pai e a gente não conseguiu rememorar o nome da sua bisavó.

Márcia: Nós temos, mas tem que pegar lá na certidão. Nós temos que resgatar isso. Porque eles eram de Ribeirão Preto. O meu avô é de Ribeirão Preto. Agora, acho que a avó, não sei se é Capivari. Eu não tenho memória se é a avó... Tem que perguntar para o seu pai.

Diego: Falando com o meu pai, eu entendi que todo mundo desceu lá para a Vila Independência, que hoje é a Vila África. Mas o que era antes?

Diego: Ele estava comentando que antes eles tinham uma espécie de um sítio. O meu pai falou que provavelmente eles viviam em um ambiente rural. E de lá, eles vieram para a Vila Monteiro (Vila África I), para ganhar serviço. Mais ou menos em 1970, que começou a construção da casa lá na Vila Independência, que se deu a Vila África II.

Márcia: Eles só conseguiram construir a primeira casa. O restante era de madeira... Que se tornou lá conhecida como a Favela da Vila África.

Diego: Então, o primeiro nome era “Favela da Vila África”, que era chamado.

Márcia: É, falavam favela. Que a gente morava na favela. Não se tinha esse contexto de Vila África.

Márcia: Para nós, os mais novos, falavam “Favela da Vila África”. Falavam: “Ó a favela lá!”. Até não tínhamos essa iniciativa de Vila África. Fomos ter mais para frente, porque era

falado para os mais velhos. As crianças ainda não tinham esse conceito. Meu tio contou que muita coisa não chegava para nós, crianças.

Márcia: Nós éramos super com a tradição da oralidade dos mais velhos, da matriz afro. A gente tem o momento certo para saber as coisas!

Márcia: Porque as crianças têm tanta informação que desconsideram os mais velhos. E realmente tem idade certa para tudo. Senão a vida se torna sem graça. Não temos objetivo de viver. Não temos porquê. Por isso que nós estamos aí tendo muito suicídio. Por não saber entender e respeitar o momento certo.

Márcia: Lógico que nós estamos num mundo contemporâneo, atual. Muita coisa tem errada que nós estamos aqui buscando, desconstruindo. Mas essa, de fato, não é. Ter uma tradição de oralidade, de respeito, faz toda a diferença.

Márcia: Nós, mulheres, estamos buscando... Porque eu tenho várias marcas da capoeira por ser mulher. Ter que enfrentar os homens, nossos mesmos irmãos, para provar que somos mulheres.

Márcia: Tudo isso é muita história, né? Dá muito o que falar. Então, é por isso que a gente traz todo esse eixo dentro do quilombo. Então, as manifestações nas quais eu faço parte, que é o batuque de umbigada, o samba de lenço, o maracatu, a capoeira, a dança afro, a dança de matriz, o samba, o samba de roda, o samba enredo, o carnaval. Então, é todo um contexto imenso.

Márcia: Eu, Marcinha, hoje, com 49 anos, venho desde 1996 brigando para ter uma professora de dança afro em Piracicaba. E eu, com 20 tantos anos depois que a gente começa, e ainda ter só uma professora ou duas na cidade... Eu acho que tem algo errado.

Márcia: Acho não, tenho certeza. É racismo total. Por que eu falo isso? Porque eu, quando eu tive que mudar para ser aceita, para ganhar algum valor dentro da cultura nos bairros, que é o projeto dentro da prefeitura, eu coloquei “Ritmos”, porque “Dança Afro” não ia ninguém.

Márcia: Até ia. Mas quando nós fomos para a primeira apresentação, no outro dia não tinha mais ninguém. Porque era taxado como “macumbeiro” ou “macumbeira”, e nem toda pessoa consegue absorver isso enquanto autoestima, enquanto falar: “sou mesmo, sou macumbeira, você sabe o que é isso?”. Entendeu? A gente nem sabia dessa própria palavra, “ubuntu”, que é a questão de ser e estar para o outro.

Márcia: Então, são coisas que nós não precisávamos estudar, porque a gente já tinha como essência, o respeitar. Então, sabíamos o momento certo, porque fomos ensinados. Sim, tínhamos que brigar pelas coisas que são da tradição quilombola. Algumas coisas têm que ser mudadas sim, mas não o respeito. Esse respeito tem que se manter vivo. A tradição também,

mas mostrando a importância, e também tendo que saber o porquê, não caindo em contradição.

Márcia: Eu tinha a insegurança de não poder falar, porque não estudei minha história. Mas espera aí! Eu vivi tudo isso. O autor lá, tal, tem que ter uma base para eu fortalecer, para eu começar a trabalhar aqui meu dia a dia.

Márcia: Como que eu conquistei estar aqui num espaço enquanto representatividade da cultura afro dentro da cidade? Foi tudo muita luta, quanta fome, quanto desespero, quanto errado, quanto a porta fechou. Se a gente tem um mestre, uma mestra, isso já vai com mais facilidade. Então, aí vem o eixo para eu contar do meu tio Faé, da minha avó, da minha mãe, da minha tia Marlene, de tudo que a gente é inserido.

Diego: Era tudo isso que eu queria já fazer nessa próxima pergunta, porque você estava trazendo esse contexto de reconhecimento cultural dentro do próprio quilombo, dentro dessa noção de comunidade e tudo mais. E aí a gente tinha parado na parte da história em que eles chegaram ali na Vila Independência e começaram, de fato, a construir a casa ali dentro desse terreno, que era um terreno que é próximo do Ribeirão Piracicamirim.

Márcia: ...Tinha vaca, galinha a vaca era lá no Zé Pitinha. A gente pulava a cerca, ia para a agronomia, roubar manga.

Márcia: Perdia-se muita manga, porque ia estragar. Então, a gente ia lá, pegava, pulava a cerca [não tenho vergonha de falar isso] mas a gente conseguia subir na árvore. Estava tudo perdendo, qual era o problema da gente pegar? Era mais fácil nos chamar, mas quem disse que chamavam? Então, a gente pulava a cerca, pegava a laranja, a manga, tudo que tinha direito e nem fazia falta. (risos)

Márcia: Não que eu esteja ensinando crianças vocês roubarem, mas...

Diego: Jamais, jamais! Mas tiver uma manguinha dando bobeira...

Márcia: Eu acho que isso, tinha que ser aberto para toda população pegar, se alimentar, porque é a natureza que está nos danos. Está no espaço público! E a gente não teve direito de ter esse reconhecimento. A gente teve sempre que estar brigando, lutando ou ensinando a gente roubar, para a gente poder ter uma qualidade de vida.

Diego: Sim. Então, Márcia, eu queria que você contasse realmente como foi esse início nessa comunidade, entendendo essa figura da Dona Vicência, que é a sua avó.

Márcia: Vó-mãe.

Diego: Que, a princípio, pelo que eu entendi na história, ela, junto com o seu João, compraram o terreno ali.

Márcia: Então, na verdade, tem a tia... Acho que foi uma contribuição comum, nós não tínhamos tanto, era muito difícil. Se já é hoje, imagina naquela época! Então, acho que é a contribuição (coletiva), por isso que falam que somos todos donos. Então, tinha a minha tia, a minha avó, a tia Ana, que é mãe da Valéria e da Lena.

Márcia: Então, eles se reuniram enquanto família ali e se apropriaram, por isso que a nossa casa não se tem só uma casa, são vários cômodos, são várias casas. Eu lembro até que a minha avó tinha que colocar banco, colocar colchão, porque a gente dormia em dez. Então, era um abrigo com todos, para não deixar ninguém morar no relento, nem dormir no relento, que era o mínimo que nós deveríamos ter enquanto políticas públicas.

Márcia: Porque, enquanto alguém existir e a gente deixar alguém passando fome, é sinal que nós não estamos num mundo evoluído, nem como pessoas. Então, a nossa tradição está se apagando e, cada vez mais, a gente está perdendo a realidade de trabalhar isso enquanto coletivo, que é essa história da Vila África.

Márcia: Ela (a história da Vila África) se inicia por uma maldade, o nome Vila África, mas até tem uma história antes: Nós temos os negros para cá e tinha a rua dos italianos, que é bem próximo de nós ali. Então, era dividido. Tinha a festa dos italianos, que nós até começamos a se inserir depois, a participar, mas não era a comunidade toda, não.

Márcia: Era quem era convidado, porque nós não entrávamos sem ser convidados. Só que, no nosso (caso), era aberto, a gente acolhia todos e aí os brancos mesmo viviam lá com a gente.

Diego: Então, o bairro sempre teve essa separação?

Márcia: Sempre.

Márcia: Mesmo o (clube) 13 de maio. Nós não podíamos entrar no Clube de Campo. É agora, recente. Cristóvão Colombo (clube), recente. A praça era dividida também. Era um lugar de preto e um lugar de branco. Então, já tinha-se isso. Década de 70 ainda. Não é tão muito distante. É o que? 50 anos? Eu vou fazer 49.

Márcia: E a dança afro nem é reconhecida enquanto patrimônio, porque, às vezes, é com 50 (anos). Se eu tenho 49 (anos), eu venho já pequenininha, da barriga. Então, imagine, nós não temos esse reconhecimento ainda. Quantas memórias...

Márcia: Desculpa o meu tio, que eu vou falar dele, porque é por conta dele que surge a Vila África. Surge dele pelo time de futebol. Nosso time de futebol era só de preto e um branco. Aí que se pintou o nome da Vila África. Fala assim, pejorativo, foi de forma negativa que os brancos chamavam: “Olha lá o branquinho no meio do grupo da Vila África”. Então, era com racismo, com preconceito. Não era de uma forma: “Ai que lindo a gente falar Vila África”.

Márcia: Ai que lindo a gente falar que hoje é África. Não, não era assim. Ser África era feio. Ser África, não queríamos nem falar.

Diego: E era para zombar o branco que estava andando com os pretos. Então era: “Olha lá ele andando com a Vila África!” “Olha lá ele andando com os pretos!”.

Márcia: Então, eles falavam “A Vila África está chegando!”, porque era o nosso bairro em peso, porque todos os nossos pais, primos, parentes, eles faziam um ônibus de jogador e dois de torcida (risos), que eram as nossas mães e nossos primos que não jogavam, mas mesmo assim iam para a torcida. E as nossas crianças, as mulheres acompanhavam. Então, era uma manifestação bem forte no futebol. Como no carnaval, toda a gente se encontrávamos. Nós nos encontrávamos, nós não tínhamos carro, nós não tínhamos nada, a gente descia a pé até o centro, porque a escola de samba desfilava no centro, então nós levávamos comida, cadeira, sofá, descia com ele aqui (faz sinal batendo nos ombros), no gogó, porque nem carriola era difícil ter naquela época.

Márcia: Tínhamos, sim, um carrinho de catar papelão, que a tia nossa fazia, que, várias vezes íamos, pegar a fruta que caía no chão, que sobrava estragada na feira, que era a forma de a gente se alimentar. Então, olha quanta história. Eu não desvinculo, porque é toda essa realidade, por isso que a gente era chamado de “favela”, porque a África não era lindo, nem rico, é pobre, né?!.

Márcia: Então, a gente tinha essa versão, esse ato de que a África era coisa ruim.

Diego: E mesmo os próprios moradores da Vila África, que ainda não se reconheciam com o nome Vila África, mas os próprios moradores pretos da Vila Independência, como eles recebiam esse nome?

Márcia: Nenhum deles, nem eu mesma. Eu falei isso já. Dói meu coração, mas é porque fomos ensinados para... Nossos pais não fizeram errado, eles fizeram para nos proteger. A gente não tinha uma fonte forte para empoderar, era preso mesmo. A gente era colocado enquanto quadrilha. Pessoas não passavam na nossa rua com medo, porque fomos consideradas enquanto selvagens. Fomos educados a isso. Então, quando a gente ia para a escola, que é uma... A porcentagem maior era nós, pretos, mas a minoria era branco e tinha dinheiro, tinha lanche, tinha tudo. Então, selvagem era nós. Nós dávamos doação, falavam que a gente roubava, agora quando eles davam, falavam que a gente pegou.

Márcia: Se ele roubasse de nós, “ó, é válido!” “Ah, ele fez sem querer!”. Se a gente pegasse, o que ele deu, depois falou que a gente roubou, a gente era expulso. Então, tem tanta coisa. Fora a lista negra, quantas vezes nos colocaram nessa situação. Era negra mesmo, porque só preto que ia. Branco tinha consideração, tinha respeito, fazia sem querer. Enfim, é todo um contexto que não vamos entrar. Porque vem em memória tudo que a gente passou. Isso é muito triste.

Márcia: Então, a liderança do meu tio Faé veio a partir desse ato de fazer as coisas boas lá na Vila África. Nós éramos reconhecidos, porque nós mesmos, da comunidade, íamos pedir lá para os italianos comida para a gente fazer de graça, para a nossa comunidade toda. E nós mesmos doávamos o que tínhamos para fazer um almoço do Dia das Crianças. Então, essa manifestação de dar comida para todos é da tradição matriz africana. Então, as nossas manifestações de fazer esse evento para ter uma comida diferente, para estar trabalhando em comunhão... A comunidade, o coletivo... Que nós nem falávamos coletivo...

Márcia: Falávamos “Vamos nos reunir?” “Vamos fazer nossa reunião?”. Não se ouvia essa palavra “coletivo”. Coletivo é novo. É algo mais recente, não é?

Márcia: Eu não quero perder tanto a linguagem popular, mas para eu ter tudo isso que tenho hoje, de estar sendo uma professora de educação física, uma professora dentro do melhor colégio na escola da cidade, enquanto representatividade da cultura negra que está inserindo dentro da escola a nossa essência, a nossa manifestação, dizer que a nossa dança também é uma arte cênica. Ela é uma dança que também é encenação, que também faz parte do contemporâneo, que também tem seu processo clássico, que também tem sua história de evolução, e que as pessoas pegam, usam e abusam, e aí desclassificam, o que venha a ser nosso.

Márcia: E aí meu tio trabalha tudo isso dentro desse time de futebol, dentro das manifestações da comunidade, se torna uma liderança que não é só ele... É a Rita... Então, era um coletivo mesmo. Era um grupo de pessoas e de religiões mesmo. A Rita que trouxe a história do santos, que coroamos, o cururú, seu Moacir, o Zusa, que é da Vila, que também trabalha toda a dança afro. A Lilian, que vem antes de mim, que eu aprendo lá com elas também. Minha tia Marlene, que vai e me leva para.

Márcia: Hoje, a gente fala “Preto”, mas a gente era “Negro”, então era “Raça Negra”. Vamos fazer um evento da “Raça Negra”, e hoje a gente não é considerado enquanto raça, e sim, etnia. Então, para quem vem das antigas, é difícil reverberar isso novo, porque não tem tanto tempo para estar estudando. Porque o meu tempo árduo é estar aqui, em uma comunidade, no ato da prática. Então, acaba sendo o cartucho, apenas um momento para eu entrar e invadir alguns lugares para ter voz. Na realidade, precisamos dos dois atos, dos saberes e da prática também.

Márcia: Mas, para nós negros, só sobrou a prática, porque para entrar em uma universidade hoje, precisamos das cotas, que estão sendo danificadas, porque agora “a educação não é mais boa, porque os pretos estão lá com as cotas”. Como se fosse culpa nossa! Enfim, é horrível, dolorido, houve muitas coisas. Nós estamos tendo o direito de ver um médico hoje, de acreditar que podemos. Então, esse ato de liderança, de quilombo, vem nessa base, que, em uma palavra, só transforma tudo.

Márcia: Mas, quando falamos de cada ato, as pessoas falam que não acreditam. É verdade, não tem esse olhar. “Ah, marginalização...”, mas não sabe cada ponto que ele faz, ele fala, “Nossa, eu faço isso, eu sou racista”. Então, por isso, da linguagem popular, ela está sempre presente. Porque, como colocar em uma só palavra, “marginalização”, “racismo”. Quais? E não classifica nenhuma delas, eu acho que daí deixa isso aberto e não coloca a ação que é pequena, mas grandiosa para nos machucar.

Márcia: Enfim, é o racismo estrutural. E o que é o racismo estrutural para um periférico que não sabe nem o que é? Esse reconhecimento estrutural vem disso. Vem das pessoas estarem praticando, nós mesmos estarem ajudando nessa prática por não saber, não entender e não compreender. Porque, daí, agora, nós somos “mimimi”.

Márcia: E nossas crianças não estão entendendo todo esse processo. Se eu sou preta, se eu sou negra, qual é a cor, o que eu faço, o “colorismo”, que é esse reconhecimento enquanto pele retinta. Então, são todas as coisas que um quilombo vem a trabalhar. Por isso, Universidade dos Saberes, da nossa própria história.

Diego: Sim. E, Marcia, já aproveitando que você está falando sobre educação, eu sei que você é formada em Educação Física e Pedagogia...

Márcia: E tenho pós em Gestão e Organização Escolar.

Diego: Então, eu queria que você contasse um pouco como foi essa educação formal e em que medida a educação “informal”, que as pessoas chamam, mas essa educação do viver, do cotidiano e tudo mais, como isso influenciou também na sua escolha de ser pedagoga, de ser professora e tudo mais. Então, como a sua comunidade, o seu ambiente, o território onde você cresceu, te influenciou? Como você enxerga isso?

Márcia: Sim, vamos ver se você me entende. É assim, o seguinte...Meu tio Faé me colocou para a rua. Porque eu era muito exigente. Eu realmente buscava entender o que ele estava fazendo com a avó, como era todo o processo. Então, eu era a sobrinha rebelde. Mas porque eu queria lutar igual ele. Ele me ensinou a buscar. Então, eu queria entender todo o processo.

Márcia: E aí, minha mãe faleceu. No outro dia, eu fui para a rua. E aí, eu me tornei voluntária, porque eu fui para a rua mesmo. Saí só com uma malinha e não tinha mãe, não tinha pai. A avó ainda estava viva, mas eu sei que eu fui para a rua, para esse processo de vida, que não é contado. Eu não conto. Meu tio, além dele ser líder, tem todo um processo. Nós não somos certo em tudo. Nós temos que arrumar essa liderança.

Márcia: Por isso eu busco o autocuidado. Porque, às vezes, a gente faz muitos para os de fora, esquecendo nossos próprios familiares dentro de casa. Isso é muito da liderança. Como ele está na rua, ele nunca está dentro de casa. O tempo que eu vejo hoje é árduo para a minha filha. Então, tem que dosar isso, a gente sempre perde. Muito.

Márcia: É importante falar isso, porque nem todo líder vai contar uma história linda. Nem todo líder vai contar uma história feia também, porque tem liderança que já tem um processo bem forte e que tem aquele ato enquanto essência.

Márcia: E aí foi o que me fez conhecer o mundo lá fora, conhecer as pessoas que me ajudaram a entender e compreender como eu ia para uma universidade, que me ajudou, me apoiou. Então, eu trocava caminha com o meu serviço de estar nas casas. Então, eu ficava em uma casa, e aí, para comer, eu fazia o serviço. Depois ia para a rua. E aí, quando eu estava na rua, uma professora de geografia, Hermínia Luz, me levou para a casa dela. Eu fui morar em uma casa dela, que é a casa em cima. Aí fizemos de madeirite embaixo. E a minha casa era ali, o cachorro de um lado...

Diego: Você tinha quantos anos?

Márcia: Ai, eu até fujo disso, porque não gosto dessa parte. Foi assim que a mãe morreu. Eu tinha uns 18 - 17 anos.

Diego: Novinha de tudo...

Márcia: É, mas naquela época era muito (novinha) mesmo, porque a nossa avó não deixava sair. Nós não tínhamos como as meninas de 10 - 15 anos hoje. Como era muito difícil...éramos crianças total mesmo, porque a gente brincava de verdade. Então, não era ensinado para nós, enquanto criança sair para se divertir sozinho, pegar o ônibus, porque era tudo a pé, escuro, não tinha luz ali na vila mesmo. Então, era perigoso. Nós éramos reservados. Se não tivesse ninguém para sair, nós não saíamos. Então, nós éramos reservados. E cuidado, porque se a polícia pegasse, nós éramos eliminados, sumíamos, tem tudo isso.

Márcia: Era perigoso. Não por conta dos nossos, mas do processo policial mesmo. E tinha gangues que também não entendiam todo o processo, mas era mais por polícia. A gente tinha muito medo. Eles tinham medo de nós e nós tínhamos medo deles, porque não entendíamos isso.

Márcia: E aí a minha madrinha leva. Daí ela começa a me ensinar como eu ir para o trabalho. Aí eu tornei voluntária no... Porque eu sempre gostei de fazer uma ação para com o outro, num projeto, porque eu não tinha dinheiro.

Márcia: Aí a Helena, ela era representante das atividades, junto com o meu tio Faé também. Aí ela pergunta para eu que o que eu gostaria de ser, porque ela queria fazer um projeto lá na Vila África.

Márcia: Não, minto. Antes disso, Faé me mandou embora. Aí nós tínhamos, no 13 de maio, uma apresentação de dança afro. E aí eu pegava as crianças, minhas irmãs, meus irmãos, meus sobrinhos, lá na Vila África, e trazia aqui no centro a pé. É longe de ir a pé. E aí, o João Paulo Araújo, era secretário de esporte, perguntou como ele podia ajudar... Aí eu falei assim

para ele, “você pode ajudar a gente fazendo alguma coisa para a nossa comunidade enquanto dança afro”, e nós levávamos o tambor...

Diego: E onde você aprendeu essa dança afro?

Márcia: Lá mesmo, na nossa comunidade. A Lena levava nesses encontros de raça negra, sabe? Nos varejões, nas periferias. Então a gente já fazia desfile, cabelo. A gente já passava por esse processo de autoestima e autoafirmação da nossa cultura.

Diego: É um conhecimento que saiu dali, então?

Márcia: É, a minha tia Marlene, que é conhecida como Lena, ela já era representante também. Ela é tudo o que eu faço hoje. Ela fala que eu conquistei mais do que ela esperava, mas foi ela quem fez todo esse preparo do que eu sou hoje e os caminhos que abriram. Eu só iniciei indo até a África, conquistando minha própria graduação...

Márcia: Aí o João Paulo Araújo conseguiu a Associação da Vila África em 2003. É “Associação Esportiva e Cultural Vila África de Piracicaba”. Ele consegue isso e a gente começa um projeto federal de esporte e lazer na cidade, que aí é em todos os comunitários. E ele me dá esse acesso a ser vice-presidente, que eu deixei o pai da Larissa (filha de Márcia) ser.

Márcia: Aí eu falei com a Helena que gostaria de ser professora de Educação Física. E ela, Helena de Lima, falou que gostaria. E ela trabalhava já isso. Ela é muito forte, muito periférica, trabalhava com brinquedos, levando lazer para as crianças nas periferias, nas comunidades. Eu falei, Helena, eu queria ser como você, fazer isso.

Márcia: “Ah então tá, vou pagar para você!”. Eu lembro até hoje, era 80,00. Não lembro se era cruzeiro ou reais. Eu acho que era reais. E aí eu tinha que pagar para ir. Então, eu pensei: “E agora será seu eu pego esse dinheiro para eu comer ou eu vou lá prestar a prova?”. Porque aquilo lá era dinheiro demais para mim. Ela falou assim: “Vá lá, porque se você entrar, eu dou...”. Era R\$ 800,00 (na verdade)... Era mais dinheiro ainda.

Márcia: Aí eu tinha parado (de estudar) há tempo já. Eu estava com 30, imagina quanto tempo... Eu já estava com 28 anos quando eu fui para a universidade, e esse projeto deu essa iniciativa. Você está vendo que é muita coisa que se mistura. Porque eu passei por várias casas. Daí o João Paulo Araújo apresentou também a Mara. E aí a Mara me fez todo esse processo enquanto vínculo de espiritualidade da “REUNA”, que era um ato espiritual, que fazia umas casinhas lá, que hoje é aquilo que você está vendo, que foi feito com ajuda. Aí acabou não sendo mais periferia. E aí com a ajuda dela, que o João Paulo Araújo era assessora, me levou a esse ato. E aí ela me lapidou, me ensinou, fez todo o processo acadêmico idealizando esse ato.

Márcia: E aí eu entro para a universidade, pago lá, passei, [nem sei como], depois de tanto tempo fora (da escola). E não me acho inteligente, me acho esforçada, mas inteligente não. Não por nada, mas por não ter esse ato de ler muito. Tudo o que eu aprendi foi com a prática.

Márcia: E aí eu vou para a universidade. Entro de manhã em educação física. E eu a mais velha, 30 anos, e todo mundo tinha 19. Chorei, porque eu ganhei a bolsa para ser de dia, porque eu conquistei a bolsa pró-Uni. Então, eu paguei os 800 reais que ela deu, porque você tinha que pagar para entrar e aí tudo isso modifica a minha vida. Quando eu entro na universidade, eu acho três amigas/ irmãs... Porque daí você vai para a universidade, mas você não tem o que comer, como ir daqui...porque era lá no Taquaral...uma viagem! Pegar a rodovia... Tinha que esperar carona, passava fome... Aí eu ganhei a iniciação científica, que aí eu conheci, a Tânia Mara, mas mesmo assim, não conseguia me manter, aí eu aprendi como se mexia com com disquete, aprendia tudo... Chorei muito. Chorei muito para me manter, mas fui resistente.

Márcia: Fui resistente lá. E elas começaram a me ajudar na linha de estudo, fui compreendendo, entendendo todo o processo. E aí, lá dentro conquisto a iniciação científica, até que meu projeto ganha em primeiro lugar, enquanto projeto em iniciação científica de dança, lazer e religião. E aí a Tânia Mara, como eu não tinha o que comer, ela deixava livre para eu comer no restaurante da Unimep. Então todo esse acesso fez muita diferença para eu não desistir. E as caronas também.

Márcia: Só que eu engravidou do meu professor de capoeira, que me deu todo o apoio, porque foi ele quem fez lá a nossa casinha. Então não é tão fácil como as pessoas falam. Mas se a gente não tiver esse acesso a nossa comunidade lá ou mesmo a nossa casa...

Márcia: E aí eu volto para a comunidade, brigo com o meu tio (Faé), falo que aqui também é meu: “Então eu quero minha casa aqui”. E aí ele respeita isso e a gente começa. Aí nós nos juntamos para fazer as manifestações. E aí que vem a história da Vila África...

Márcia: E aí em 2000 a gente consegue mudar tudo isso. Em 2000 a gente usa da mídia com o Batuque de Umbigada, com o projeto do João Paulo Araújo, com a minha faculdade. Aí a gente muda lá o nosso...porque não tínhamos espaço.

Márcia: Eu não vou mais no 13 (de maio), mas levo as minhas crianças lá no Piracicamirim, atrás do Terminal, que é o Varejão. Do Varejão a gente vai para a Pauliceia. Então, eu ia para a Pauliceia, peguei as crianças da Pauliceia para manter vivo e resgatar e permanecer forte a nossa cultura do Batuque de Umbigada. Então, eu misturo a Capoeira com os meninos lá da Vila África. Então, Pauliceia, que é a casa do Hip Hop, com Vila África, já lá naquela época. Até hoje eu estou lá.

Márcia: Hoje eu sou conselheira da casa. Hoje eu estou dentro da Escola do Honorato, uma das melhores escolas, referência, representatividade e diretora de esporte da APM. Eu estou

falando isso porque é muita coisa mesmo, na qual eu estou inserida dentro aqui da cidade de Piracicaba. Acho que deu para entender, né?

Diego: Sim. Você é uma agitadora cultural!

Márcia: As pessoas perguntam: “Como você pode estar em todos os lugares?!?”

Márcia: Eu era uma funcionária, uma simples funcionária no Colégio Seletivo. E lá no seletivo, assim que eu me formo, ela me dá a responsabilidade de ser professora de educação física lá só com uma série. Aí deu muito certo. Aí era balé. Mudei do balé para danças urbanas. A capoeira é inserida lá daí como capoeira com mais de 100 alunos.

Márcia: Só que lá eu não podia falar que a capoeira era nossa, dos afros. “Ah, não, é educação...”, “Estou fazendo pelo lúdico...”, “Não tem nada de um processo da capoeira tradicional, de matriz africana...”. Então, tinha uma negação.

Márcia: Então eu mesma não podia ter minha própria essência da onde eu vivia. Eu tive que negá-la para poder sobreviver e estar sendo inserida hoje no sistema para poder fazer a diferença para os nossos, das comunidades.

Diego: E como você enxerga a integração da lei 10.639, que atualizou para 11.645, no currículo das escolas?

Márcia: Nós não estamos preparados para receber isso dentro da escola com professores racistas. Porque não somos nós, pretos, representantes que vamos contar nossa história. E muitos não são aceitos, muitos dos professores não aceitam essas ideias por falar que a gente é “mimimi”. E que não acreditam em tudo que nós estamos dizendo enquanto afirmação.

Márcia: Então isso não está preparado, mas podemos considerar a vitória por estar havendo uma outra história da nossa própria realidade, estando dentro da cartilha ou dentro do mecanismo do CMSP, que é a mídia. A mídia ou o sistema digital. Então isso é mais rápido estar chegando a nós sermos a nossa história e afirmarmos que somos pretos, somos lindos... Tem hoje coisa para o nosso cabelo...

Márcia: Então quando as crianças vêm... Hoje ou ontem que fizeram isso, pegam no meu cabelo e falam: “Nossa, é macio!”. Porque nem chegam a pegar no cabelo para falar que o nosso cabelo é duro.

Diego: Mas são crianças de escola particular, não é?

Márcia: Não, é pública mesmo.

Diego: Mas você está trabalhando em escola particular ou não?

Márcia: As duas. Eu estou dando capoeira na escola particular, que ainda voltei. Fiquei lá 15 anos. Aí volto. Eu sou uma boa professora. Aí eu falo assim, falem aí, crianças, o que eu sou... Tenho vídeo, posso te mandar: “Linda, rainha, maravilhosa...” (risos)

Márcia: Então, eles falam: “Você é linda!”. Porque eles não estão vendo a minha beleza. Mas eles estão vendo a minha essência enquanto pessoa e não a minha cor. E todo carinho e amor que eu tenho por eles. Quanto respeito. O quanto eu vou lá não só para dar ou ganhar meu dinheiro, mas para representar, e levar essa cultura afro.

Márcia: Então, eu tive uma dificuldade para voltar no Estado por conta de todo esse processo do Estado que a gente é categoria O. E aí eu fiquei três meses sem receber. Mesmo assim, estou lá com amor e carinho. Falo: “Ai, que crianças lindas, né?!”.

Márcia: E não tinham nem acesso às manifestações. E hoje eles cantam o hino da África, sabem a história da música que passou o oceano, venho trabalhando os continentes, a cultura indígena, com a educação física.

Márcia: Então, tem muita luta aí, que não é uma coisa só. Quantas ações abusivas passei, recebi. Eu ainda tenho que pôr isso a público, que é mesmo ter ido à África e o senador achar que nós, brasileiras, somos ato de regalia, de abuso.

Márcia: E se eu não sou uma capoeirista, podia ter recebido uma...ser abusada bem mais profundo, machucada, além de tudo. Poderia ter tido um ato maior, pior, apesar que ele apanhou bastante também e conseguiu resistir para estar vivo lá em África. Então, faça ideia de quantas coisas nós temos que nos defender enquanto mulher preta.

Márcia: Tudo isso são coisas que uma mulher preta enfrenta. Eu ainda tenho uma prioridade, mas não somente enquanto um pouco da pele retinta. Mas claro que tem mesmo potencial de preta, de poder hoje ter sido inserida na elite e aí ter um olhar diferenciado de ocupar espaço e ver que eu não sou maldade, que eu faço coisa boa. E aí esse respeito foi pela cidade tendo o ato.

Márcia: Em 2023, os meus irmãos reconhecem eu enquanto irmã, mas meu pai hoje não. A mulher dele não permitiu. Então, não tem reconhecimento do meu pai, mas dos meus irmãos de sangue, brancos...E eles começam a ajudar eu lá na Vila África também com o ato do futebol, com o ato dos eventos, das festas. Então, acho que cheguei onde queria, fui conhecer a África. Nem tudo de África foi ruim, só esse ato...Mas lá fui coroada como uma rainha dos eventos lá. Incríveis. Muita história para contar de lá. Volta uma mulher diferente, empoderada mais ainda... Só esperava do favor do que sobrava, mas hoje sabendo exigir, buscar, bater mesmo e falar: “Então, se não é, quero ver...vai me matar?!”.

Márcia: Mas a gente está sendo sempre perseguida, sempre com medo de se colocar. Então, eu venho aqui para fortalecer as mulheres, que se a gente não for unidas para todas as ações, não dá certo. E se nós não tivermos um homem de liderança também...se fala diferente. Se

fala diferente para a mulher, se fala diferente para o homem, se fala diferente para o homem preto, diferente para o homem branco e diferente para a mulher. Ela ainda não tem. Mesmo sendo século XXI, ainda nós estamos...

Diego: Eu gostaria, então, Márcia, que você contasse um pouco dessa figura que você citou várias vezes na entrevista, que é o Faé.

Márcia: Então, eu acho que eu já até falei que ele foi o líder, o responsável técnico do futebol. Ele trabalhou lá com essa união das lideranças, porque ser líder não é só ter um eixo, mas ser liderança é estar contribuindo para a movimentação dentro do nosso bairro, da nossa comunidade.

Márcia: E não só da nossa comunidade. Ele era das outras também... como eu estou fazendo. Eu não só estou na Vila África, que é o nosso território local, quilombo. Eu estou nas comunidades onde estão os nossos.

Márcia: Foi comprado todo o nosso espaço lá (parte do território da Vila África), por não ter dinheiro, por não fazer o nosso inventário, pagar os impostos. A gente também saiu para as casas habitacionais, então, vai para o Cecap, Alvorada, invadir também nas periferias, que é o Renascer, Bosque do Lenheiro, Santa Fé, são várias. Então, nós estamos em todos os lugares da Vila África, que saímos ali, de dez quartos, dez casas, para todo e qualquer lugar.

Márcia: E porque somos quilombos? Porque a gente casou entre nós lá mesmo. Surgiram cinco famílias e se casaram... Então, virou cinco famílias lá que se casaram, se auto-relacionaram: “Se não é meu primo é primo do meu primo”. E a gente se entende enquanto irmão, enquanto família. Então, nessas, surgiram todos os outros atos. Então por isso a nossa família é muito grande. Os nossos pais falavam: “Não deixava casar com gente de fora, tinha que casar ali dentro”. Então, tinha todo um ato disso lá.

Márcia: Mas minha mãe foi com o Branco, que foi o que deu todo o terreiro da minha avó, que é um centro de Umbanda. Então, todas as imagens, por ele ter dinheiro, ele acabou sendo o que influenciou a ter todas as imagens. A gente tinha mais de cem imagens, que o meu tio, que ficou doente, evangélico, quebrou tudo, que é o Nato. Então, ali mesmo foi soterrado todas as imagens. Consegui resgatar algumas só, que é o centro do terreiro da minha avó, “Beira Mar e Caboclo Ventania”.

Márcia: Então, é muita história para se estar resgatando. Como já havia falado do time de futebol...Começa lá a nossa identidade.

Diego: Então, o Faé foi um articulador cultural de tudo isso aí...

Márcia: Sim, depois ele foi para a prefeitura, começou a entender políticas públicas. Ele faz todo o processo voluntário. Fizemos o nosso centro comunitário, que era lá no Jardim Brasília. Foi eles mesmos que construíram o espaço, que era um centro comunitário. A igreja, como é o número maior, tem que ser associação. Tudo burocracia. A gente acaba perdendo (o espaço) para a igreja e vira creche hoje.

Márcia: Daí eu brigo para ter um espaço, que ganhamos recentemente com a morte do meu tio, que tem o nome dele, “Centro Cultural Rafael Batista Antonio – Faé”, porque briguei por respeito a ele e por não ter nenhum espaço na nossa comunidade enquanto manifestações, lazer, responsabilidade, respeito. Por sermos um quilombo, e a nossa memória estar sendo apagada e a nossa história adormecida que ficou e agora buscando esse resgate. Lógico que não vamos vir como resgate, porque não vamos ser iguais, mas enquanto retomada.

Diego: Eu acho interessante pensar também que esse espaço cultural que foi criado ali, foi criado para suprir, na verdade, uma outra coisa que já tinha, que era o espaço da própria vila né...

Márcia: De a gente se reunir, porque todos os projetos que vêm não se dá para fazer na rua, como foi lá atrás. Como eu falei para você, eu pegava e levava no 13 (de maio), para eu ter um olhar, eu levava na Pauliceia... Lá na Pauliceia nós íamos, e vinha a pé, longe, e levava lá no Piracicamirim. Então, foi esse o primeiro eixo que nasceu. E depois eu fui para as comunidades, mesmo trabalhar pela prefeitura, porque aí eu tive que trabalhar como ritmos para poder sobreviver também e levar um pouco da nossa cultura.

Márcia: Então, se misturou ritmos e dança afro. Aí, eu falei: “Não vou falar!”, “Não vou enganar!”, vai ter que ser aceito assim. Então, se for pouco, vou trabalhar com pouco, mas quero essa afirmação. Daí que vem. Mas, hoje, eu já no Estado, com uma formação. Então, isso me dá... Não vai mais pela minha cor, vai pelo que eu conquisto, enquanto prova, enquanto outra realidade, que não é pelo privilégio.

Diego: Mas, então, esse centro cultural que se deu ali foi para, de fato, ter um espaço para conseguir continuar as atividades tradicionais da Vila África?

Márcia: Sim. Ou até mesmo a gente ter um processo de formação e capacitação. Espaço para guardar os materiais, para ter uma costura, o espaço para ter o artesão, porque o meu tio era artesão também. E aí se perdeu, não está mais lá.

Márcia: Ele buscou esse processo, igual o boneco do Elias, esse processo histórico, mas que os filhos não quiseram dar importância... Eu venho brigar com ele, mas as pessoas não entendem o que eu queria, nem ele mesmo. Então, é daí que nós começamos a articular.

Márcia: Ele até veio a ser [depois que eu saí da Associação Vila África] vice-presidente, mas eles não conseguiram arrumar. Aí eu vou, danço para o Sesc, e arrumo a associação. Hoje ela está legalizada, só em 2024, legalizada buscando... Nós ganhamos enquanto cultura, mas foi parte dele, só temos uma história, porque ele começou.

Márcia: Como pontão de cultura, nós somos reconhecidos nacional...federal ainda não, porque você tem que ir agora, quilombola, federal.

Márcia: Mas, municipal, a gente tem isso enquanto afirmação, que acho que vai ser difícil um apagamento hoje. Mas, nós somos um quilombo sem terra. Então, por isso, agora, buscar um processo federal, ir até as universidades, e a gente ser uma linha de estudo para permanecer vivo esse ato do meu tio Rafael, não só dele, que vem toda essa mistura, e a identidade do que é Vila África, do que é ser quilombo.

Diego: Então, para a gente fechar, que aqui já está dando mais ou menos uma hora e uns tantos, eu queria que você contasse o que acontece ali, nesse centro cultural, quais são as atividades que vocês estão desenvolvendo ali, e, além disso, eu queria que você contasse como está sendo coordenar esse espaço, esse projeto, ali naquele bairro, como está sendo a receptividade das pessoas, como você está vendo o avanço da Vila África ali naquele espaço da independência. Como está sendo isso?

Márcia: Então, agora com mais visibilidade, agora com uma afirmação maior, porque quando eu ia buscar com autoridades, eles falavam que eu não podia, enquanto Marcinha Vila África, mas eu não tinha a associação legalizada. Então, agora, reestruturada, com a regularização, que ainda faltam algumas coisas, é outro formato. A gente chega de uma outra forma. E com conhecimento também de políticas, que vem a partir da casa do HIP-HOP, que já está bem avançado, é um dos projetos pilotos aqui da cidade. Mas tudo começa da alimentação das comunidades pela pandemia.

Márcia: E aí a gente se une Vila África e Casa do HIP-HOP. Vem ganhando força e aí esse processo acaba indo para o Sesc, nos apoiando, nos ajudando. E aí vai ter dia 15 de julho, acho interessante você vir. No dia 15 de julho, a gente quer deixar a nossa Vila África com cara de África, porque ela perde todo o contexto de África.

Márcia: Então, se as pessoas forem visitar a Vila África, o que tem lá? Nada. Só tem um muro, com um ou outro grafite. Então, a gente quer deixar ela com uma visão mesmo de quilombola, não perder a raiz.

Márcia: Então, quero fazer uma lojinha, [que não mostrei para você], que tem as peças que estão vindo de África, original, enquanto reconhecimento de matriz africana. Os tecidos, que acho que são esses tecidos, ele vem com outro formato, que não é mais chita, não é aquela coisa pobre, a gente vem com a riqueza, de saber que somos rainhas, reis e príncipes, que é o ideal do meu tio também, que sem saber, eles não tinham essa história também, sem saber, a gente vem buscando esses ideais. E eu acho que é isso, a formação.

Márcia: E hoje ela é uma rua, aí eu doei minha casa, enquanto sede, ela está sendo reconstruída para formação desse quilombo, resistindo, persistindo... Vem aí com essa resiliência de permanecer viva e falando que não é fácil, que com a lei nos calam enquanto fazer o barulho, enquanto se manifestar, enquanto achar que ainda a gente está fazendo marginalização.

Márcia: E as manifestações, ela é o nosso meio de comunicação, de reunião, de união, de formação, de trocas, de afirmar e buscar o nosso ato de entender o que é as manifestações e o quilombo, enquanto iniciativa de um reconhecimento nosso. E aí o que acontece? Elas se perdem, vão tirando, vai ficando comercial e os brancos vão...[não tenho nada contra], mas acabam, eles tendo mais, idealizando o nosso espaço, a gente perdendo, só tem um pedacinho lá que é original, que a gente não quer deixar morrer, nem ser morto.

Márcia: Não queremos perder. E não tem mais meu tio, uma pena, mas vivo, presente nas nossas ações, enquanto nome. Eu ser hoje reconhecida enquanto Marcinha Vila África é representar não só a minha comunidade, mas como toda a nação afro, que vem buscando entender e compreender como a gente pode ser respeitado, que eu acho que eu venho falando isso o tempo todo, que eu acho que nada mais do que respeitar.

Márcia: E essas manifestações que tem lá no Centro Cultural, nós temos: o passinho, dança afro, temos a capoeira, que é o Reginho (neto do Faé), temos yoga, que também vem puxando o lado afro, que as pessoas não sabem que tem. Ontem veio um professor atrás de mim que quer fazer samba. Então antes a gente procurava...

Diego: Agora eles que estão vindo! (risos)

Márcia: Até os vereadores estão procurando. Falei “Opa! Alguma coisa está acontecendo...” (risos)

Márcia: Temos que nos policiar. Para nós é sempre perigoso. Então, acho que é esse o risco sempre. A gente tem sempre o risco do sistema nos engolir.

Márcia: Então, a intenção hoje é que o quilombo seja uma universidade piloto para a gente retomar outros quilombos que não estão em ação. Nós somos o primeiro que está em ação junto à Casa do Hip Hop, que vem falando das danças urbanas, que vem fazendo todo o seu papel também de afro. E estar dentro da Casa do Hip Hop também fazendo uma dança urbana, e se falar de matriz afro e não só aquela dos Estados Unidos, a americana, mas da nossa América aqui enquanto matriz e enquanto continente africano.

Márcia: Então, trazer isso para a Casa do Hip Hop fez...Hoje eu penso, a gente pode muito sendo juntos! Juntos somos mais fortes, de fato! Então, aí tendo essas manifestações que eu já falei, que é a dança afro, ioga, tem o Muay Thai, as lutas... Depois lá, agora nós estamos tentando fazer do lado da minha casa um outro lugar, porque nós não reconhecemos lá.

Márcia: Porque o barulho da rua, o condomínio sempre pede para a gente tem que tomar multa. Fala que está muito barulho, não pode. Então, a nossa reunião incomoda. Então, eu acho que é isso.

Márcia: Então, o samba, tem o samba, o encontro hoje está tendo lá das meninas, o samba das meninas, porque nós ainda também estamos distantes de entrar na roda de samba dos meninos, né? E aí a gente tem o reduto do samba, que é dos meninos, mas nós queremos fazer um encontro, ponto de encontro deles nesse samba.

Márcia: Então, estamos fazendo um estudo com as meninas para elas entrarem dentro do samba, do reduto, para a gente, qualquer espaço está fazendo amigos do samba, mais alguém a gente poder entrar, para ser aceita, porque eles tiram, né? Isso é automático, sem perceber. Ficam bravos também.

Márcia: E estamos fazendo agora a parceria também com o Carnaval Amigos da Rua do Porto, com o Carnaval e com a Escola de Samba Peixe Frito. Então, essa união tudo. Esse ato de fazer um cortejo das nossas tradições no 20 de novembro na Vila África é uma tradição e um sonho dos mais velhos. Acho que é isso.

Márcia: A gente vem com essa memória de não se perder e fazer o que a gente gosta, que nos dá liberdade, que a gente tem cura. Então, ela é uma cura, é uma libertação para que a gente venha se sentir útil. Não útil para ser escravo...porque nós estamos sendo...

Márcia: Tem mais. A gente está sendo escravo da nossa cultura, pela nossa própria cultura, com liderança branca. Então, você achar uma mãe de santo preta hoje em Piracicaba é difícil.

Márcia: Se você for ver, as lideranças não são pretas, são brancas, porque conhece toda a burocracia. Agora tem dinheiro, então, todo mundo reconhece enquanto preto. Então, tem isso ainda que a gente tem que autoafirmar dentro da escola, dentro da educação, dentro da nossa própria cultura.

Márcia: E os nossos estão virando os evangélicos na manifestação. Nada contra, que também deve, mas é mais fácil a aceitação de você ser irmão numa igreja evangélica do que você ser irmão numa cultura afro. Porque a gente tem super perseguição, e se você é irmão, você não tem perseguição na igreja.

Márcia: Não que seja errado, porque a igreja, hoje, a igreja evangélica está fazendo algo que nossa cultura não está mais. Ela está muito cara, a nossa cultura. Eu não lembro de minha avó cobrar para benzer.

Márcia: Eu não lembro de ver acolhimento social que a minha avó fazia. Então, é muita coisa para se contar. Então, o social é total; do atendimento, da psicologia que ela é. Se fosse envolver todo o processo acadêmico, a gente faz isso numa simples ação de acolhimento.

Márcia: Então, é todo esse processo.

Diego: Feito, Marcia. Muito obrigado pela troca!